

CADERNOS NEGROS: ESCRITAS RESISTENTES QUE NÃO SE DEIXARAM PASSAR EM BRANCO

Mestranda Bárbara Maria de Jesus de Oliveira¹ (Universidade do Estado da Bahia/UNEB)

Resumo:

Os **Cadernos Negros** mantêm, desde 1978, publicações ininterruptas, através de participação dos seus autores na produção, publicação e divulgação de suas obras literárias. Trata-se de textos que se voltam para as questões etnicorraciais. Partimos da hipótese de que os referidos **Cadernos** valorizam as identidades negras à medida que realçam os fenótipos dos personagens, tais quais o cabelo crespo, a cor da tez, além de os destacar em papéis principais. Mas apesar dessas características centrais, será que há de fato uma valorização desses traços? Esse material é importante para ser trabalhado em sala de aula? Em que consiste a importância desses escritos no contexto atual frente à Lei 10.639/03? Através destas reflexões faremos a imersão em dois contos dos **Cadernos Negros**, e nos embasaremos no campo da teoria literária e áreas afins, como Bernd (1988, 1992, 2011), Brookshaw (1983), Souza (2008), Cuti (2010), Fonseca (2006), Bhabha (2005), e HALL (2003).

Palavras-chave: **Cadernos Negros**, representação, personagens. afirmação identitária.

1 Introdução

Os **Cadernos Negros** (CN) mantêm desde 1978 publicações anuais, perfazendo assim 35 anos ininterruptos, através de participação dos seus variados autores na produção, publicação e divulgação de suas obras literárias. Os referidos **Cadernos** constituem-se de coletâneas cujas publicações anuais alternam-se em prosa e poesia, abordando-se temáticas que envolvem o segmento negro brasileiro. Eles trazem a cena temática e representações das vivências culturais dos seus personagens sem, para isso, remetê-los às mazelas sociais, tão disseminadas na maioria das obras canônicas. Trata-se portanto, de textos que se voltam para as questões pertinentes às relações etnicorraciais.

Partimos da hipótese de que os referidos **Cadernos** valorizam as identidades (Entendemos identidades baseia-se na perspectiva de Hall(2003): “identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.) negras brasileiras à medida que realçam os fenótipos dos personagens, tais quais o cabelo crespo, a cor da tez, além de destacar os personagens em papéis principais. Trata-se, portanto, de uma escrita da resistência que não se deixou passar em branco. O cerne de reflexões aqui envolverá os dilemas que envolvem as publicações e dois contos contemporâneos. São eles: **Pixaím**, (2001) de Cristiane Sobral e **Afagos**, (2007) de Elizandra. O propósito desse diálogo é identificar até que ponto esses

contos valorizam os traços negros, a fim de evidenciar a relevância social dos mesmos no contexto iremos observar se isso acontece, de maneira significativa, mesmo porque até então, observamos que nas narrativas há também, situações de discriminação racial e se apresenta personagens que rejeitam seus fenótipos físicos por meio da voz do narrador.

As questões que se insurgem aqui são as seguintes a saber: 1) em que consiste essa escrita da resistência? 2) Até onde os contos **Pixaim** e **Afagos** contribuem para a afirmação identitária negra? Em que consiste a importância desses escritos no contexto atual, haja vista a promulgação da Lei 10.639/03, por meio da qual se tornou obrigatório o Ensino da História da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar do ensino fundamental e médio?

Para responder essas questões realizamos pesquisa bibliográfica e nos norteamos em estudiosos do campo da teoria, da crítica literária e áreas afins, conforme evidenciarei no decorrer do presente artigo.

Ao longo da nossa história foram projetados aspectos simbólicos que disseminaram a valorização do segmento etnico-racial branco e a inferiorização do negro. E com a literatura não foi diferente, conforme constatado por estudiosos da área, a exemplo de Brookshaw (1983) e Cuti (2010), citando aqui dois estudos que abrangem períodos distintos.

No presente artigo trataremos também um pouco da história da publicação dos **Cadernos Negros**, traçando o histórico de 35 anos de luta e resistência desde o planejamento de tais publicações, suas dificuldades, depoimentos, celebração de 30 anos, até como ele se mantém até os dias atuais.

2 Cadernos Negros: um pouco da história.

Dentre as diversas temáticas dos **Cadernos Negros** destacamos as relações amorosas, familiares, os problemas sócio-econômicos, de gênero, a violência policial, o racismo, a auto-estima, a negação e a aceitação identitária. Uma das propostas dos autores é a valorização da identidade negro brasileiro. O que nos interessa é saber se prevalece, de fato, tal afirmação, atentaremos se através das representações simbólicas dos personagens nos contos analisados há uma reconfiguração que valoriza os traços fenotípicos prioritariamente, seus cabelos.

Os **Cadernos Negros** constituem-se de coletâneas cujas publicações anuais alternam-se em prosa e poesia, abordando-se temáticas que envolvem o segmento negro brasileiro. Dentre as diversas temáticas destacamos as relações amorosas, familiares, os

problemas sócio-econômicos, de gênero, a violência policial, o racismo, a auto-estima, a negação e a aceitação identitária etc. Uma das propostas dos autores é a valorização identitária negra. Compreendemos, desse modo, que se trata de textualidades que se abrem a possibilidades de estudos diferenciados, dependendo do interesse do pesquisador.

Os textos críticos produzidos pelos seus fundadores dos *Cadernos Negros* tratam de levantar a história de suas publicação traçando o histórico de luta e resistência desde o planejamento de tais publicações, suas dificuldades, depoimentos, celebração de 30 anos, até como ele se mantém apesar das dificuldades editoriais.

Podemos verificar a resistência nos anos 70 na própria fala de uma de suas escritoras:

Os anos 70, então presenciaram a explosão da comunidade negra, representada por entidades culturais e políticas, pelo ressurgimento da imprensa negra e pela proliferação de escritores financiando seus próprios livros. Está década assistiu também ao início do que se aprendeu a chamar de processo de abertura, que deu condições para que as vozes negras se levantassem contra a discriminação racial nacional e internacional; vozes que, durante todo o tempo, com certeza, estiveram se manifestando de diversas formas, sufocadas, sem condições de aflorar. (ALVES 1987. p.76)

A dificuldade de produção, publicação e divulgação dos *Cadernos Negros* estão amplamente discutidas pelos autores nas obras **Criação crioula, nu elefante branco** (1987) e **Reflexões: sobre a literatura afro-brasileira** (1985). Acreditamos que seja importante trazer um pouco das discussões/reflexões de tais textos teóricos que trazem as angustias e atitudes dos próprios autores dos *Cadernos Negros*. Miriam Alves, em **Criação crioula, nu elefante branco**. (1987), evidencia a importância dos *Cadernos Negros* dentro da indústria cultural brasileira “ Ao analisar esse passado, com inúmeros livros sendo lançados, por antigos e novos escritores, concluo que os **Cadernos Negros** são o principal representante da luta por espaço na cultura brasileira(ALVES, 1987,p.147)

O citado texto reforça as angustias e reflexões travadas por escritores negros em relação aos padrões eleitos e exigidos pela indústria cultural, visto que muitos escritores eram obrigados a esconder suas obras nas gavetas, os **Cadernos Negros** é a prova da existência/resistência de uma literatura negra de boa qualidade mas que não passou pelo “filtro” que lhes impunham um valor de literatura “menor”.

Vejam os depoimentos de outro escritor dos **Cadernos Negros** J. Abílio Ferreira, no qual o autor revela que a importância dos **Cadernos Negros** se configura como oportunidade do escritor de publicar seus contos e poesias, o que seria muito difícil de ocorrer nas editoras, de grande porte elevando assim sua auto-estima e potencializado seu fazer literário. Uma vez que “ trata de refletir o leitor, que não se enxerga na maior parte da produção de

grande mercado, discutindo o sentimento que a nossa sociedade nega e mantém submerso – e neste caso “Cadernos” funciona como instrumento eficaz de conscientização”. (FERREIRA,1985, p.10.)

Hoje é evidenciado através de pesquisas anteriores, e recentes a vasta produção de escritores negros/afrodescendentes, temos um acervo significativo que vai de publicações resumidas até antologia mais detalhada de tais produções: David Brookshaw (1983), Oswaldo Camargo(1987),Zilá Bernd (1988, 1992, 2011), Maria Nazareth Soares Fonseca (2006.), Conceição Evaristo (2007), Cuti (2010), Edimilson de Almeida Pereira (2010), Eduardo de Assis Duarte(2011), dentre outros autores, nos mostram as produções de escritores negros que não silenciaram apesar da invisibilidade a eles impostas.

É interessante salientar que há uma discussão referente as denominações: literatura negra,literatura afro-descendente e literatura afro-brasileira.No que se refere ao conceito essa produção, Souza (2006), Fonseca (2006) e Evaristo (2007) denominam como literatura afro-brasileira e/ou afro-descendente, enquanto Bernd (1988) utiliza o termo literatura negra e, mais recentemente, Cuti (2010), um dos fundadores dos **Cadernos Negros** polemiza ainda mais as acepções, definindo como literatura negro-brasileira. Observemos, desse modo, que adentraremos um campo complexo, inclusive, em termos de conceituação.

Portanto, apesar do “filtro” editorial os **CN** vêm sendo publicado ininterruptamente a 35 anos, contado apenas com a verba de seus escritores, os quais promovem sua exposição em eventos, sua divulgação e venda. Apesar da exclusão nas grandes livrarias e editoras eles permanecem resistindo a discriminação e aos discursos de má qualidade, e de subliteratura. Apesar de tudo isso ele se mantém no maior ato político que um escritor, cidadão, insatisfeito com a forma de representação literária legada ao povo negro pode fazer. Esse ato político é o de escrever e se inscrever com a sua visão de mundo, abordando as questões: econômico-político-histórico-cultural e relacionamentos plurirraciais que permeiam o Brasil. A produção dos cadernos negros reflete isso.

Iremos agora refletir sobre os contos **Pixaim** e **Afagos** fim de identificar se persiste a inovação propalada nos **Cadernos Negros**, assim como pensar sobre até que ponto estes contos são relevantes como material didático e literário que possibilite uma afirmação identitária negra ao problematizar a maneira das personagens de sentir e lidar com os seus cabelos.

3 *PIXAIM E AFAGOS: AFIRMAÇÃO IDENTITÁIA NEGRA?*

No conto **Afagos** de Elizandra (2007) se apresenta os conflitos vividos pela protagonista **Dara**, aluna de uma escola publica que admirava a professora. “Eu a achava linda com seus cabelos longos e lisos” e tentava chamar sua atenção, “mas ela não olhava nos meus olhos e me atendia com má vontade”. E por causa dos seus cabelos crespos, acaba sofrendo preconceito racial na escola.

Meu nome significa “a mais bela” e era como eu me sentia se essa cena fosse congelada. Pela primeira vez, a profi tocou em meus cabelos com as pontas dos dedos, como se eu a espetasse. Ela soltou as minhas marias-chiquinhas, desfez minhas tranças e saiu à procura de algum inquilino. Para sua decepção e frustração, eu não tinha nenhum. Até hoje, eu não entendo por que ela só olhou o meu cabelo. Ela não podia ter feito aquilo comigo, ainda mais na frente de todos. Eu olhava para os demais alunos e eles riam. Eu ouvia as gargalhadas daquelas meninas de cabelos lisos e soltos, a profi deveria verificar os cabelos delas que estavam mais propicio à proliferação de piolhos do que o meu, que sempre estava preso. (ELIZANDRA, 2007, p.76)

A personagem ainda relata: “Não foi a única vez que passei por situações constrangedoras envolvendo meus cabelos crespos”. Nota-se, a partir do fragmento acima, que a escola, que deveria ser um espaço de agregação, passou a ser o local que a personagem experienciou humilhação e foi discriminada por ter os cabelos crespos, justamente pela professora que tanto admirava.

No decorrer do conto, ainda nos é revelado lembranças do sofrimento de **Dara** ao ter os cabelos penteados por sua mãe, iniciando-se desde então um processo de rejeição a qualquer tipo de toque nos cabelos e após sua infância houve varia tentativas de ajustar-se ao padrão de beleza instituído. Vejamos como ela descreve a relação que possui com este processo de “enquadramento”:

O tempo passou e as marias-chiquinhas foram ficando no fundo da gaveta, dando espaço para a chapinha e os alisamentos. E eu sempre com os meus não-me-toques. Dava muito trabalho parecer o que eu não era, porém era uma tentativa. Eu não me achava bonita, me sentia a desproporção em pessoa, não me enquadrava no padrão de beleza cultuado, pela sem definição. Se tinha algo que gostava em mim, talvez fossem os olhos. (ELIZANDRA, 2007, p.78)

Observamos nos textos acima que o conflito da personagem tem a ver com as reminiscências, a partir da forma como a mãe penteava seus cabelos e as humilhações ocorridas na escola. A partir daí, os cabelos acabam sendo associados à dor, levando-a a

rejeitá-los. Até o momento em que ela conhece **Jawari**, personagem que ela se apaixona e a faz refletir sobre como seus cabelos podem ficar mais belos se ficarem naturalmente crespos “cutucando assim nas suas feridas” para assim “desvelar” sua beleza.

Nazaré Fonseca(2006) tematiza bem em seu estudo essa dificuldade de enquadramento, uma vez que: “A atribuição de valores negativos a detalhes do corpo de negros e mestiços induz à formação de uma baixa-auto-estima responsável pela disseminação sutil da ideologia do branqueamento difundida no país”. Porque o cabelo crespo foi sempre considerado ruim, e passou a ser denominado ruim, alargando a rede de sentidos depreciativos relacionados com partes do corpo do negro. “Por isso, o cabelo liso é um fetiche entre a maioria dos brasileiros”. (FONSECA,2006, p.102 e 103)

Entendemos que **Dara**, personagem que se negava, se escondia, resistia ao contato em função da sua baixa auto-estima após vários conflitos em frente ao espelho, enxerga o que antes não via: suas belezas. Isso é devido ao fato de não terem os traços fenótipos valorizados, evidenciando que segundo Florentina Souza (2005) esse tipos de representações cotidianamente reproduzidos, além de interferir na construção da auto-estima, gera uma vivência neurotizante, o que faz com que o individuo constantemente lute contra a imagem de si mesmo, cristalizada no imaginário da sociedade e até em seu próprio imaginário. (SOUZA, 2005 p.56)

Por outro lado, o conto **Pixaim**, de Cristiane Sobral, narra a história de uma garota que gostava de manter os cabelos naturalmente crespos, mas a mãe insistia em alisá-los:

Os ataques começaram quando fui apresentada a uns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas [...] pela primeira vez ouço a expressão cabelo “ruim”. [...] Pela primeira vez foram violentadas as minhas raízes, sentir muita dor e fiquei frágil, mas adquiri também uma estranha capacidade de regeneração e de ter idéias próprias. Eu sabia que não era igual às outras crianças e que não podia ser tratada da mesma forma. Mas como dizer isso aos outros? Minha mãe me amava muito, é verdade, mas não percebia como lidar com as nossas diferenças. (SOBRAL, Cristiane. In; *CN* 24, p.13-14)

Ao contrário de **Dara**, a personagem de **Pixaim** percebe e aceita a diferença que há entre seu cabelo crespo e os cabelos lisos das demais. Ao longo do conto, são citados vários processos dolorosos de alisamento na infância, culminando com a sua procura identitária. O que faz reconhecer que “O negro sempre foi para ela o desconhecido, a fantasia. O desejo. Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu. No entanto, Foi a partir do meu pixaim que percebi todo um conjunto de posturas que

apontavam para a necessidade que a sociedade tinha de me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e opção de vida”.

Friedrich Wilhelm Nietzsche (2009) aponta alguns tópicos das origens dos valores morais. Destaca a inversão sofrida por estes valores pelas influências que se prendem com violência. Por isso, a citada obra girará em torno da seguinte questão: o que é o bom?

É a mesma pergunta que fazemos sobre a personagem **Dara**: Porque ela acredita que o seu cabelo é ruim? O que é um cabelo bom? Sabemos que as coisas são nomeadas, e o nomear parte de intenções. Quais são as intenções ideológicas nesse nomear ?

Ambas as personagens até aqui retratadas trazem consigo uma discussão que demonstra o quanto as imagens disseminadas podem servir de (de)formação identitária, a ponto de haver uma negação de si. Sugerem que o branqueamento, almejado por alguns dos fundadores das teorias raciais, permanece até hoje mesmo que sob outro formato.

As personagens relatam os processos de aquisição da sua identidade racial, de sua negação/ valorização de uma das características fenotípicas negra: o cabelo, focado como referencial de sua conscientização/aceitação identitária. Assim, seguindo a direção do pensamento de Souza (2005, p.196), quando ela salienta que, em tais **Cadernos** “Os traços físicos e culturais, antes rejeitados e recalcados por serem considerados desprovidos de beleza, ganham outro sentido e passam a ser assumido como marcas identitárias.” Ou mesmo que:

A apreciação dos cabelos crespos, da cor de pele e das religiões e a narração de acontecimentos históricos sob a perspectiva da tradição afro-brasileira serão considerados meios de consolidação da identidade étnica que ressignifica a tradição e seus paradigmas. O trançado dos cabelos será apresentado também como ponto de partida para o traçado de um discurso de inserção do grupo na construção de uma identidade nacional heterogênea, constituída também de evocações de uma história, de uma sensibilidade africana que se fixa em outro território.

(SOUZA,2005,P.196.)

Neusa Santos (1983) através de sua pesquisa com cunho existencial/psicológico relata como, por meio do processo de (des)construção identitária, o negro passa pelo processo de rejeição, negação, sentindo repúdio pelo seu corpo: nariz, cabelo e demais traços fenotípicos. Segundo a autora é preciso pensar formas e usá-los como ferramentas de afirmação existencial, e de marcação do lugar do negro. Nilma Lino Gomes(2008) entende que tais fenótipos vêm sendo preteridos e/ou inferiorizados socialmente. No entanto, salienta,

[..] Cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil, juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (Gomes, 2008, p.20.).

O corpo é um elemento de atribuição de valores e significados e, ao longo da história, diferentes representações simbólicas foram imputadas a ele. O processo histórico de escravização de negros(as) no Brasil e seus desdobramentos fizeram com que estereótipos fossem criados em torno do **ser negro**. Esses estereótipos são constantemente reconstruídos e reproduzidos nos espaços sociais, inclusive no ambiente escolar. A associação do cabelo crespo ao “ruim” faz parte deste imaginário que inferioriza a condição do *ser negro*. Nilma Limo Gomes parte da hipótese que “o cabelo do negro é visto como “ruim” é uma expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito” e ter o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” demonstra esse conflito. O que essa tentativa de “melhorar” o cabelo “ruim” é mais que apenas vaidade, ela é identitária. Pois, foi historicamente construída.

Na educação brasileira, a ausência de uma reflexão sobre as relações raciais no planejamento escolar tem impedido a promoção de relações interpessoais respeitáveis e igualitárias entre os agentes sócias que interagem o cotidiano da escola. O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação raciais nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças raciais nas diversas instituições educacionais contribuiu para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Mas do que isso, reproduzem ou constroem os negros como sinônimo de seres inferiores. (GOMES, 2005, p.11)

Os **Cadernos Negros**, como movimento libertário, é fruto de relações de conflito. Ao reagir contra estruturas sociais de domínio, também reage contra os sistemas simbólicos e os padrões de vida, que funcionam para sustentar e legitimar a dominação.

CONCLUSÃO

Nomear é um ato político. Ao nomear algo, tem-se um objetivo, um ideal, criado a partir do simbólico que o representa e que é idealizado e desejado. Quando essa nomeação não abarca, não representa, não é fidedigna com a diversidade cultural a qual deveria se sentir incluída valorativamente, vem a necessidade de se renomear para que haja uma melhor representação e, com isso, uma identificação.

Mas isso não ocorre com a maioria dos personagens nas obras canônicas. Cabe a nós

problematizarmos tais obras e trazermos à tona outras que possibilitem um viés que represente a diversidade que nos constitui. Nesse sentido, defendemos uma leitura cultural que parte de um movimento de identificação para resignificar o texto, pois a construção de sentido “é um processo de se identificar com e através de outro objeto, um objeto de alteridade, ponto no qual a ação de identificação – o sujeito – é ela mesma sempre ambivalente, por causa da intervenção dessa alteridade” (BHABHA, 1996, p. 37) em o local da cultura . Assim, o leitor cultural deve estar preparado para o processo de identificações com ideais de culturas que não são harmoniosas.

Vale salientar que não é nossa intenção deixar de focar um padrão eurocêntrico em detrimento de um afrocêntrico, e sim, ampliar esse foco, seguir outra “linha”. Acreditamos que os contos dos **Cadernos Negros** podem contribuir nesse repensar da historiografia literária e da cultura de uma forma plural de construção do conhecimento que contribua para a melhoria das relações interculturais e que também promova a construção de uma formação social mais tolerante com as diferenças e mais condizente com nossa realidade.

É importante detectar que as autoras dos **Cadernos Negros**, aqui apresentadas, utilizam em suas narrativas a aceitação e negação do cabelo das personagens como estratégia de problematiza-los. Trazendo a baila a discussão sobre os cabelos crespos como representação de reflexão sobre a identidade negra.

Apontamos os citados contos como uma das possíveis produções literárias capazes de valorizar o segmento negro, visto que suas personagens seja no início ou no final da narrativa, assumem sua própria identidade e a quer reconhecida, passando por uma tomada de consciência de si mesma. Estes contos apontam através dos esquemas de representações do sujeito literário, para a possibilidade de construção de uma identidade negra que se encontra para além de esquemas mais homogêneos de representações e identificações atrelados a concepções fixas e limitadoras. Sendo assim, trazem a discussão do cabelo como símbolo identitário o qual é usado como forma de repressão e manipulação no enquadramento dos padrões sócias eurocêntricos.

Referências Bibliográficas

ALVES, Miriam; XAVIER, Arnaldo; CUTI [Luiz Silva] (orgs.). **Criação crioula, nu elefante branco**. São Paulo: IMESP, 1987.

BERND, Zilá, **Introdução à literatura negra**. São Paulo: editora brasiliense, 1988.

BERND, Zilá, **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: editora da Universidade, 1992.

BÉRND, Zilá. (Org.). **Antologia da poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência- negra no Brasil**. Belo

Horizonte: Mazza edições,2011.

BHABHA, Homi K.O **local da cultura**. Belo Horizonte; Ed. UFMG, 1996.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC-SECAR/SEPPPIR, 2005.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Trad. de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

FERREIRA,Albino J. 8.Cadernos Negros 8: **Contos**.São Paulo: Ed. Dos Autores; 1985, p.10

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito**. São Paulo, Secretaria de Estado de Cultura, 1987.

CUTI (Luis Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**. Rio de Janeiro: CEAP,2007.p.20-21.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Visibilidade e ocultação da diferença**. In FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil Afro-Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCALT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970.Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMES, Nilma Lino.**Educação anti-racista**:Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.Ministério da Educação Continuada,Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005,p.11.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK (org.). Belo horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

JAMESON,Fredeic.**A lógica cultural do capitalismo tardio**. 2004. p.27-79.

MARTINS, Leda. **A fina lâmina da palavra**. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) *História do Negro no Brasil*.- O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição CNPq/MinCFundação Palmares: Brasília, 2004. v. 1p.55-84

PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudo sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

QUILOMBOHOJE (Org.). *Cadernos Negros, 16,22: Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje; Anita Garibaldi; Editora Convivência, 1993, 1999.

SOUZA, Florentina da Silv

a. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **As dimensões da participação cidadã**. 1997. p.180-209.

i Bárbara Maria de Jesus de Oliveira ,Mestranda em Crítica Cultura.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA /UNEB.Campus II.Bolsista CAPES.Orientador : Prof. Dr. Murilo da Costa Ferreira.Email: barbarakinda@hotmail.com